

merval@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA



A longa jornada

Cedo hoje, com muito prazer, o espaço da coluna para minha amiga e colega da Academia Brasileira de Letras, escritora Nélida Piñon, dentro da campanha #AgoraÉQueSãoElias. Nélida, em 1996, foi a primeira mulher a presidir a ABL. Justamente no seu centenário. Ninguém melhor, portanto, para dar testemunho dessa longa jornada das mulheres.

No passado, unida pelas tarefas domésticas, a mulher, já pelas manhas, e até muito tarde, aproveitando a luz natural, ia bordando nos minúsculos sucessivos versos da história que os homens da casa lhe contavam, e que ela, sob o impulso de perplexa melancolia, reproduzia com fios coloridos e a cada movimento do agulha.

E enquanto levava ao forno uma torta infiltrada de essências orientais, mais viajadas que ela, negligia suas receitas com letra apaixonada e certo maneirismo literário. Na expectativa talvez de participar da poesia da realidade e vir a ser lida um dia com o mesmo tremor e sensação de delicia que certos poemas lhe provocavam.

Com os séculos, ao já não lhe bastar a resignada placidez do lar, ou responder pela perpetuação da espécie, lia-se ela por ser protagonista dos capítulos do cotidiano e do empolgante mistério da vida. Afinal, defrontada com os emperrados sociais, sentia-se uma estrangeira incapaz de balbuciar as palavras de uma nova língua.

Após séculos de frustrações, calada na casa, a mulher passou a engrossar a precissão dos filões. Nas ruas, nos escritórios, atrás do balcão, acuada pelo dever de ensinar os ilustres degaus do poder, sua convicção urgia por um decalogo que expressasse sua natureza profunda, e a orientasse quanto ao papel social a assumir. Enquanto temia que os avanços profissionais lhe roubassem preciosas conquistas afetivas.

Era mister, porém, envolver-se pela linguagem da arte e mergulhar na própria memória milenar que abrangia mulheres heróicas que, a despeito do perene mistério, celebravam o papel relevante que lhes era devido desde a fundação do mundo.

Tal memória, que enriqueceu a linguagem, habitou sempre a terra. Esteve na Bíblia, ressoou com o Deus hebraico, que a dispensava como ativa interlocutora. Em Troia, com o astuto Ulisses. Sofreu com o descrelho que Apolo impingia a Cassandra, a fim de suas profecias jamais serem acatadas. Recriminou a contradição Artemis que cortava os cabelos rontes das donzelas na noite de núpcias, como sinal de que lhes escapara qualquer traço de rebeldia. E na senda de Júpiter, pensou como ele, despojado da imortalidade, assumiu sua ambigüidade.

Uma memória, então, que arquivou as evidências do mundo mulher, o monoteísmo, a marcha das heterodoxias, o sagrado e o profano. E que rômulo, no mítico, ocupou afinal os espaços da casa, de onde recolhia as sobras da história. Até tornar-se ela a matriz geradora da antiga narrativa, capaz de albergar a fala oral e as metáforas. Mas quanto mais esta memória encerrava-se nos limites do privado, sem participar do cotidiano vasto e complexo, melhor usou a mulher fios dos subterfúgios, do simbólico. A ponto de se tornar alguém cujo mistério ressurta declinado poético.

Alçada, porém, da cultura normativa, a mulher concebeu uma realidade que de fato lhe chegava pelo medo. Como consequência, acumulou um saber clandestino de grande valia, do qual os narradores dependiam para se apoiar dos personagens e frequentar o cenário literário.

Esta memória, de registro poético vedado, encontrase contida nos livros que ela não escreveu. E isto por que os narradores, ao criarem, dependiam da matéria guardada no coração feminino, e que consistia nas confissões feitas no leito de morte, nas dores do parto, nos sentimentos universais, que só a mulher, na condição de mãe, amante, cupido, sibéria, ditara.

E razovel, pois, afirmar que Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Camões muito devem à mulher, coautora de suas obras.

Viva #AgoraÉQueSãoElias! •

Os pontos-chave

1 Hoje o espaço da coluna é ocupado pela escritora Nélida Piñon, dentro da campanha #AgoraÉQueSãoElias

2 Após séculos de frustrações, calada na casa, a mulher passou a engrossar a precissão dos filões. Acuado pelo dever de ensinar os ilustres degaus do poder, sua convicção urgia por um decalogo que expressasse sua natureza profunda, e a orientasse quanto ao papel social a assumir

3 Os narradores dependiam da matéria guardada no coração feminino, e que consistia nas confissões feitas no leito de morte, nas dores do parto. E razovel, pois, afirmar que Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Camões muito devem à mulher, coautora de suas obras